

PERCEPÇÕES E MANIFESTAÇÕES DO TORCEDOR MINEIRO SOBRE O “NOVO MINEIRÃO”

DR. BRUNO OTAVIO DE LACERDA ABRAHÃO

Colegiado de Educação Física, Universidade Federal do Vale
do São Francisco (Petrolina – Pernambuco – Brasil)

E-mail: bolabra@gmail.com

MS. PRISCILA AUGUSTA FERREIRA CAMPOS

Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Estadual
de Campinas (Campinas – São Paulo – Brasil)

E-mail: priafcbr@yahoo.com.br

MS. MARINA DE MATTOS DANTAS

Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais,
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (São Paulo – São Paulo – Brasil)

PLÍNIO DE ALMEIDA JÚNIOR

Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Minas Gerais
(Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil)

E-mail: plinio-jr07@hotmail.com

GRAD. LUIZ GUSTAVO BRAGA GOMES

Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Minas Gerais
(Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil).

E-mail: lgustbg@gmail.com

MS. TIAGO FELIPE DA SILVA

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer,
Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil).

E-mail: tiagofelipesilva@hotmail.com

RESUMO

Em 3 de fevereiro de 2013, após dois anos fechado devido às reformas para sediar a Copa do Mundo de 2014, o jogo entre Cruzeiro e Atlético, marcou a reabertura do Mineirão e uma nova forma de pensar o futebol mineiro. Assim, esse artigo tem por objetivo analisar as percepções e manifestações do torcedor mineiro, no jogo da reinauguração, frente às mudanças ocorridas no estádio. Para isso, aplicou-se 55 questionários e realizou-se

observação participante. Percebe-se que muitos pesquisados concordaram com a reforma e consideraram-na boa. Alguns têm dúvida se o novo ethos se constituirá, pois embora achem o ser humano moldável, acreditam que romper com hábitos arraigados é muito difícil. Isso pôde ser visto nas manifestações dos torcedores durante o jogo, onde em relação ao torcer antigas práticas foram mantidas.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer; futebol; estádio; Mineirão.

INTRODUÇÃO

A organização dos megaeventos esportivos tornou-se uma meta explícita de política pública no Brasil nas décadas iniciais do século XXI. Contando com volumosos recursos públicos e privados, dispondo de uma ampla cobertura midiática, esse tipo de megaevento é constituinte da atual *sociedade do espetáculo*¹ e demanda reflexões sobre os impactos desta decisão governamental, seus custos, formatos organizativos e efeitos na sociedade e no território nacional (MASCARENHAS, 2009).

Estes torneios de valor são eventos complexos que vão além da utilidade econômica, são lugares de troca de informação, afirmação de *status* e identidade, culturalmente definida. A participação nestes eventos tende a ser simultaneamente um privilégio e um instrumento de disputa daqueles que estão no poder. A moeda corrente destes torneios também tende a ser distinguida por meio de diacríticos culturais muito bem compreendidos. Finalmente, o que está em pauta nestes torneios não é apenas a posição, a fama ou a reputação dos atores, mas a disposição dos principais emblemas de valor da sociedade em questão (APPADURAI², 2008, *apud* CURI, 2012).

A Copa do Mundo de Futebol é o principal megaevento que o Brasil sediará em 2014. Neste sentido, discussões, reflexões e diálogos sobre o evento são recorrentes desde quando o Brasil foi oficialmente anunciado como país-sede para a realização dos jogos. Seja em conversas informais ou em mesas de debates (políticos, acadêmicos, religiosos) nos vemos em um turbilhão de informações que a cada dia se intensificam e nos fazem respirar essa complexa experiência de vivermos uma Copa do Mundo, no século XXI, realizada em nosso país.

Uma mistura de sentimentos, sensações e expectativas caminham juntamente com os brasileiros na medida em que cada obra é concluída, cada cifra apresentada, cada escândalo divulgado. Cada atraso é cobrado de nossa República que busca provar o Brasil como um país capaz de organizar para atender as demandas desse megaevento.

-
1. Pode-se entender os megaeventos esportivos como uma expressão máxima da sociedade do espetáculo, descrita por Debord (1992), que se tornou necessária devido à alta saturação dos produtos materiais do mercado mundial.
 2. APPADURAI, A. *A vida social das coisas: as mercadorias sob perspectiva cultural*. Niterói: EdUFF, 2008.

Em um total de 12 cidades-sede, o que se viu no Brasil foi uma série de estádios sendo construídos, remodelados e reformados a partir de padrões indicados pela *Fédération Internationale de Football Association* – FIFA, entidade reguladora do futebol profissional no âmbito internacional.

Nesse sentido, Damo (2012) chama a atenção para o fato de que é a FIFA que detém os direitos comerciais da Copa e os comercializa junto a um amplo leque de multinacionais interessadas em veicular seus produtos à Copa e na Copa. Nos moldes como é exigido pela associação, o evento custa caro, e ela própria não teria como bancá-lo sem parcerias. O principal parceiro desta entidade privada é o país-sede que oferece as condições para a realização do evento, muitas vezes às custas de recursos do governo, comprometendo os cofres públicos.

Em função de Belo Horizonte ter sido uma das cidades escolhidas como sede, a prefeitura da cidade desenvolveu um plano de ações em conjunto com o Governo Estadual que, para além de cumprir as determinações da FIFA, visa à gestão compartilhada das obras de infraestrutura buscando a ampliação dos efeitos da Copa do Mundo no crescimento econômico, no desenvolvimento social e ambiental e na consolidação do espírito cívico do Estado mineiro (MINAS GERAIS; BELO HORIZONTE, 2012).

Para se adequar às determinações da FIFA e oferecer “modernidade” e “conforto” aos seus usuários, o principal palco do futebol mineiro, o estádio Governador Magalhães Pinto – Mineirão – ficou fechado por dois anos (2010-2012). Em 03 de fevereiro de 2013, foi reaberto aos torcedores mineiros com o clássico das Gerais: Cruzeiro Esporte Clube x Clube Atlético Mineiro³.

A abertura do “novo Mineirão” se investiu de significados simbólicos, uma vez que inaugurava uma “nova educação” para o torcer. Incentivada e respaldada pelos governos estadual e federal no empreendimento de novos modos de torcer e ocupar o estádio, um novo ordenamento passaria a imperar naquele espaço. A reestruturação dos espaços dedicados à torcida indica uma possível reorganização dos modos de se assistir às partidas nos estádios do Brasil a serem utilizados para Copa.

3. Para que a partida inaugural do Mineirão fosse entre Cruzeiro e Atlético, o governador de Minas Gerais solicitou à Federação Mineira de Futebol que antecipasse o jogo, marcado para a terceira rodada do Campeonato Mineiro de 2013. Para maiores informações conferir a reportagem “Estádio Mineirão será reinaugurado com clássico mineiro entre Atlético e Cruzeiro”, disponível em <http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/especiais/novo-mineirao/2012/11/23/noticia_mineirao,235354/estadio-mineirao-sera-reinaugurado-com-classico-mineiro-entre-atletico-e-cruzeiro.shtml>.

Assim, este artigo tem por objetivo analisar as percepções e manifestações do torcedor mineiro diante de todas as mudanças ocorridas no estádio, tendo o Mineirão em seu jogo reinaugural como *locus* da pesquisa.

Com o consentimento do consórcio Minas Arena⁴, durante as duas horas anteriores à primeira partida, foram aplicados questionários aos torcedores no estádio. As questões buscavam conhecer as impressões iniciais dos presentes sobre as modificações estruturais do estádio, além de conhecer suas expectativas em relação ao funcionamento do estádio e à conduta dos torcedores.

A equipe de pesquisa composta por 11 pessoas, divididas em 2 grupos, dirigiu-se ao Mineirão três horas antes do horário estipulado para o início da partida. Um grupo formado por sete pessoas adentrou ao estádio com a função de aplicar os questionários aos torcedores de Atlético e Cruzeiro presentes nas arquibancadas superior e inferior, independentes do sexo e cuja idade fosse acima de 18 anos. Quatro pessoas ficaram responsáveis por fazer a observação participante desse jogo, registrando em anotações, aspectos relacionados ao comportamento e manifestações dos torcedores no que se refere à suas localizações no estádio, aos cânticos entoados e à manifestação da torcida.

A partir desse material, apresenta-se a seguir as principais transformações observadas em relação ao torcer no espaço do estádio, bem como as impressões iniciais dos torcedores que responderam aos questionários.

O ESTÁDIO E SUAS TRANSFORMAÇÕES

Durante algum tempo, vinculou-se a ideia de que o estádio seria um equipamento de lazer em que as pessoas pudessem relaxar, desestressar, vibrar e expressar o amor pelo seu time. Sabe-se que os torcedores não vão ao estádio para assistir a um jogo qualquer, mas para ver e torcer pelo seu clube ou seleção, esperando que os (seus) atletas o representem satisfatoriamente por meio da vitória (DAMO, 1998).

Os torcedores identificam-se com os times porque eles representam os clubes e não o inverso, razão pela qual, inclusive, os torcedores xingam o time e, simultaneamente, cantam o hino do clube. O time pode mudar de uma temporada a outra, mas o clube permanece, protegido por suas tradições, mitologias, epopeias e assim por diante (DAMO, 2006, p.77).

De acordo com Elias (1992), as pessoas são submetidas ao controle de suas emoções e à impessoalidade das relações no cotidiano laboral, mas no estádio de

4. Sociedade de Propósito Específico responsável pela execução das obras de reforma e modernização do Mineirão, por meio de contrato de parceria público-privada firmado com o Governo do Estado de Minas Gerais e gerenciado pela Secretaria Extraordinária da Copa do Mundo (MINAS GERAIS, 2012).

futebol, durante o momento de lazer, é permitido que haja a fruição dessas emoções, o que gera excitação, prazer, alívio e catarse. Atitudes como manifestações sexistas, homofóbicas e raciais, que seriam reprovadas pela dinâmica social fora do estádio, são relativizadas no seu interior.

Neste sentido, para Daólio (1997) e Pimenta (1997), o estádio de futebol tornou-se um espaço de permissividade para violências simbólicas que, em determinados momentos, poderiam desencadear a violência física que por sua materialidade incontestável e os danos visíveis ao patrimônio público e aos indivíduos envolvidos, é reconhecida como um problema social por aclamação e um dos “inimigos” a serem combatidos no futebol.

Os comportamentos dos torcedores em relação aos símbolos que os identificam com os clubes e ou países, sugerem um paralelo com a representação de nação que, nesse caso, pode ser entendida como uma *comunidade de sentimento*⁵. Nesse local, a pessoa deixa de ser indivíduo e passa a integrar uma totalidade, tornando-se um ser coletivo e assumindo papéis dentro da torcida. Em tal contexto, a noção de indivíduo deixa de ter sentido (DAMO, 1998).

O estádio de futebol também contribui para sedimentar esses valores, uma vez que, nesse *pedaço*⁶, se desenvolve uma rede de sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços de sangue, como sugere Magnani (2003). Ainda para o autor, esses espaços de encontro mantêm uma lógica: nem sempre os frequentadores se conhecem, mas se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida, enfim, modos de ser.

Na história do futebol brasileiro, os anos 1990 foram marcados pelo aumento da violência entre torcedores organizados e também da exposição desses acontecimentos nos jornais e na televisão, em rede nacional. Tendo isto em vista, com a preocupação de aperfeiçoar as normas de sociabilidade nos espaços públicos e privados que abrigam diferentes práticas esportivas, foi criado, em 2003, o Estatuto de Defesa do Torcedor – EDT (BRASIL, 2003). O EDT normatiza tentativas de controle da tensão na assistência, bem como das práticas esportivas, restringindo a possibilidade de atos violentos.

Nessa época muito se discutiu sobre a eficácia e eficiência desse Estatuto (RIGO et al. 2006; CAMPOS et al., 2008; CURI et al, 2008), uma vez que tinha

5. Cabe destacar a complexidade do termo *nação*, não sendo entendido neste artigo como uma categoria natural e universal, tendo, no contexto de apropriação do futebol pela cultura brasileira, adquirido especificidades. Problemática abordada, dentre outros, por Helal (2011).

6. “Designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade.” (MAGNANI, 2003, p. 116).

como parâmetro e um *ethos* europeu de torcedor, principalmente no que dizia respeito à abolição do espaço denominado “geral”⁷ e a instalação de cadeiras numeradas nas arquibancadas, desejando que as pessoas assistam ao jogo sentadas e no lugar marcado.

De fato, se em um primeiro momento, o EDT parecia um projeto de aplicação de regras europeias à realidade brasileira, sua proposta foi sendo discutida ao mesmo tempo em que naturalizado o entendimento do torcedor como um consumidor do espetáculo. Outras ações para a prevenção da violência e reforço da segurança foram tomadas, de modo que, em junho de 2010, a lei n. 12.299 modificou o referido Estatuto. Incluiu-se nesta reformulação o cadastro de torcedores organizados, o monitoramento das catracas por imagens e a responsabilização das torcidas organizadas junto ao poder público e aos clubes pela prevenção da violência, bem como a criminalização dessas torcidas por infrações cometidas por qualquer um de seus integrantes (BRASIL, 2010).

O que não se sabia, em um primeiro momento, é que, concomitante a elaboração do EDT, o Brasil estava preparando o apoio a sua candidatura a País-sede da Copa do Mundo FIFA 2014. Para isso, precisava se adequar aos padrões internacionais do futebol. A FIFA exige que se cumpra uma série de quesitos no que se refere ao uso, segurança, comunicação, sustentabilidade dos estádios para a realização do mais importante evento futebolístico da atualidade.

Em relação ao uso, a FIFA sugere estádios multifuncionais, “projetados de forma que abriguem outros eventos esportivos e de entretenimento, melhorando assim a sua utilização e viabilidade financeira” (FIFA, 2011, p. 43). Sugere, então, que esse espaço seja ocupado por “eventos de entretenimento, incluindo concertos, festivais, peças teatrais e feiras de negócios e de consumo” (FIFA, 2011, p. 44).

Entende-se atualmente que para um estádio “ser moderno” sua organização deve ser baseada no lucro, conforto, segurança e boa visibilidade para os torcedores/expectadores. Os estádios orientados por estes atributos passariam a ser reconhecidos como “arenas multiusos”, uma vez que oferecem outras formas de entretenimento além do jogo. Grande parte das muitas mudanças ocorridas nos estádios está relacionada à possibilidade de renovação do público e da consequente renovação de comportamentos e do consumo. Neste sentido, procura-se forjar um novo tipo ideal de torcedor que deveria ser “comportado”, assistir aos jogos sentados e se preocupar com o seu conforto. Um perfil de torcedor que não se dissolve mais na massa de torcedores, pois há uma maior ênfase em sua

7. A “geral” é o espaço do estádio, localizado próximo ao campo, no qual se paga o menor preço pelo ingresso por ser considerado o local menos confortável, sem espaço específico para sentar-se e a céu aberto.

individualidade através de uma série de direitos e deveres que tenta aproximá-lo e reduzi-lo ao consumidor do espetáculo (SILVA; COSTA, 2012).

Nesse sentido, Curi (2012) fala sobre a ideia de modernidade no futebol espetáculo. O autor se ocupou de estudar o Estádio Olímpico João Havelange – Engenhão – e o enquadra como um símbolo da modernidade e do seu *status* que deve representar um público elitizado, considerado apto a ser mostrado ao mundo e que quer consumir o jogo sentado, com conforto e segurança, como no teatro ou cinema. No caso do Engenhão, dentre os confortos oferecidos são citados os telões, a limpeza e o atendimento. Os conceitos marca, conforto, segurança e adequação às normas internacionais estão sendo adaptados e incluídos na noção de “moderno”.

O Mineirão não fugiu à regra, para sediar a Copa do Mundo teve que se adequar à nova ordem. Para isso, o Estado de Minas Gerais em parceria com a Prefeitura Municipal, lançou o Planejamento Estratégico Integrado, este tem por objetivo gerir a implementação dos projetos necessários à realização da Copa em Belo Horizonte. São projetos de grande impacto na cidade, divididos em eixos temáticos, entre os quais consta a infraestrutura esportiva. Um dos tópicos componentes desse eixo tem o título de “Modernização do Mineirão” e prevê a “Modernização do Mineirão com vistas a adequações de infraestrutura para a Copa 2014, promovendo a sustentabilidade após o evento” (MINAS GERAIS; BELO HORIZONTE, 2012).

Como o patrimônio histórico fez o tombamento de seus 88 semipórticos estruturais, arquibancada superior e anéis de circulação, as obras de modernização do Mineirão mantiveram sua fachada, alterando toda a sua estrutura interna e externa.

Entendendo que os objetos – neste caso, o estádio – são dotados de conteúdo e finalidade, Milton Santos (1997, p. 35) afirma que “através da ação sobre as formas, tanto novas como renovadas, o planejamento urbano constitui muitas vezes meramente uma fachada científica para operações capitalistas”. As modificações do espaço em prol de uma modernização tendem a atrair investimentos, especulações e trazem uma agenda de transformações do espaço, tecnificando-o e burocratizando-o.

Tais características são perceptíveis no “Novo Mineirão” que possui uma esplanada com 80 mil m²⁸; estacionamento coberto; área para imprensa equipada com computadores e telefone; cobertura especial com sistema autolimpante; iluminação inteligente; acesso rápido por catracas eletrônicas; geração de energia por painéis fotovoltaicos⁸; 64 mil lugares e 80 camarotes; aérea de 7 mil m² destinadas a atividade comercial. Para viabilizar o projeto, optou-se por um modelo de negócio que

8. Painéis que convertem a energia solar em energia elétrica.

privilegia a modernização da infraestrutura, buscando o mais alto padrão internacional de operação do estádio, com conforto e segurança e principalmente inovando na visão comercial, ao tratar o *torcedor* como *cliente*⁹ (MINAS GERAIS, 2012).

Como apontado anteriormente, verifica-se que a ideia de modernidade está presente nesse contexto. Ela se constitui como um rompimento com o passado, na qual a tecnologia se apresenta como um dos principais fatores de mudança social. De acordo com Bell (1973, p. 214) “‘novo’ é marca distintiva da modernidade, embora essa reivindicação, em muitos casos, não se refira tanto a um aspecto especificamente inédito da experiência humana e sim a uma alteração na escala do fenômeno”. Nesse sentido, ir ao estádio, passear em seus arredores, torcer por um clube de futebol, faz parte da cultura belorizontina, entretanto, o “novo” refere-se à conjuntura em que essa rotina será realizada, através de uma variedade de usos desse espaço, em um sincretismo de ações.

A atualização da noção de modernidade, nesse contexto, pôde também ser observada durante a transmissão televisiva do jogo entre Cruzeiro e Atlético, na ocasião da reinauguração do Mineirão, na tarde de domingo, 03 de fevereiro. O tom da transmissão da Rede Globo de Televisão, a emissora que televisionou a partida inaugural, era de que Minas Gerais estava oficialmente inaugurando um estádio de “padrão internacional”. O locutor da partida adjetivou o jogo de “histórico”, uma vez que se tratava do “primeiro jogo no Mineirão após grande obra” que teria deixado o “estádio totalmente moderno”. Ao longo da narração, chamou a atenção para o fato do “futebol mineiro estar vivendo um grande momento, com dois belos estádios”, alusão à Arena Independência, reinauguranda em 2012, após também ter sido submetida ao processo de modernização.

Observamos que nesse tempo/espaço vem sendo forjada uma nova subjetividade sobre o torcer. Neste sentido, refletir sobre essas mudanças às quais os torcedores vêm sendo submetidos em seu momento de lazer é premente para a constituição de uma posição crítica frente aos recentes acontecimentos.

A seguir, tendo em vista esse momento vivido pelo futebol mineiro, apresenta-se os dados e as observações obtidas no jogo reinaugural do Mineirão.

DADOS E OBSERVAÇÕES

Nas arquibancadas do estádio, foram aplicados 55 questionários dos quais 71% foram respondidos por homens e 29% por mulheres com a média de idade de 37 anos. Em termos de pertencimento clubístico, 54% dos participantes torciam pelo Cruzeiro, 44% pelo Atlético e 2% por outros clubes.

9. Grifo nosso.

Ao serem questionados sobre a necessidade da reforma do Mineirão, 74% dos participantes consideraram-na necessária, alegando que o estádio já estava ultrapassado, defasado e que com a reforma poderia melhorar a segurança, a acessibilidade e receber a Copa do Mundo, como pode ser visto nas respostas “*o antigo não comportava o espetáculo do futebol, era ultrapassado*” (Homem, 47 anos, atleticano); “*o padrão do estádio não era europeu*” (Homem, 18 anos, cruzeirense); e é um “*espaço de eventos que a cidade precisava*” (Mulher, 18 anos, cruzeirense). Já os 22% que não viam a necessidade da reforma, perceberam-na como um gasto desnecessário frente às “*outras necessidades do país*” (Homem, 54 anos, cruzeirense); além disso, a reforma “*elitizou e excluiu os pobres*” (Mulher, 54 anos, cruzeirense) e “*não gostei das cadeiras, não tem cerveja e tropeiro*” (Homem, 21 anos, cruzeirense).

Levando em conta os investimentos feitos na reforma do estádio, 69% veem os resultados como satisfatórios; 16% acharam os resultados insatisfatórios e 15% não responderam. Ao justificarem a opinião, algumas respostas foram contraditórias, pois apesar de acharem o investimento satisfatório, disseram, em seguida, que “*não era necessário*” (Homem, 21 anos, cruzeirense) e que “*faltou planejamento, está devendo*” (Homem, 53 anos, atleticano). Entretanto, tiveram os que acharam os resultados dos investimentos satisfatórios e aprovaram-no, levando em consideração a beleza, o conforto e a segurança, como pode ser visto nas justificativas: “*O estádio melhorou, ficou mais confortável*” (Homem, 19 anos, cruzeirense); “*mais conforto e visibilidade do Estado*” (Homem, 47 anos, atleticano); “*Copa, Libertadores, tem que ficar com cara de estádio europeu*” (Homem, 34 anos, atleticano). Os que acharam os resultados dos investimentos insatisfatórios alegaram que o valor gasto foi excessivo e que “*já estava bom, atendeu a FIFA*” (Mulher, 34 anos, cruzeirense); “*elitizaram o futebol*” (Mulher, 54 anos, cruzeirense); “*muito investimento, 60 mil pessoas, só 2 mil vagas de estacionamento*” (Mulher, 29 anos, atleticana).

Do total de participantes, 20% consideraram que a reforma do Mineirão foi excelente para atender a população de Belo Horizonte; 44% consideraram-na muito boa; 18% regular; 9% ruim e 9% não souberam opinar.

Pode-se afirmar que parte da aceitação do “Novo Mineirão” pelos torcedores se deve, também, ao fato da assimilação das campanhas pró-modernização para atender aos padrões internacionais de estádio, vinculando-o com a imagem da Copa do Mundo FIFA. A “europeização” dos estádios, entendida aqui como a transposição de métodos e regras europeias para a realidade brasileira, em certos momentos aparece como ideal naturalizado na fala dos torcedores, como foi visto em alguns casos citados.

Quanto à percepção dos participantes da pesquisa sobre os outros torcedo-

res, ao serem questionados a respeito da influência da reforma do Mineirão sobre o comportamento de destes, 42% acreditam que as transformações ocorridas no estádio irão modificar o comportamento do torcedor, alegando que “*o ser humano é mutável*” (Mulher, 28 anos, atleticana); “*a organização gera organização*” (Mulher, 27 anos, cruzeirense); “*elitização, valor do ingresso e mais sócios-torcedores*” (Homem, 25 anos, atleticano); “*a polícia será mais eficaz, a medida que privatizou*” (Homem, 56 anos, cruzeirense). Outros 40% alegam que o comportamento não irá mudar, afirmando que “*vai continuar a mesma zona*” (Homem, 46 anos, atleticano); “*o Brasil é assim, sem respeito ao espaço e às pessoas*” (Mulher, 27 anos, cruzeirense); “*não consegui comprar ingresso perto dos meus amigos*” (Homem, 35 anos, atleticano). Já 16% acham que irá mudar parcialmente, desde que “*haja cobrança*” (Homem, 44 anos, cruzeirense) e 2% não souberam opinar.

Percebemos, através das falas, que uma parte das pessoas percebe o processo de gentrificação que ocorre nos estádios. Entendido nesse contexto como mudanças nas estruturas desse equipamento e nas regras de ocupação desse espaço que operam a exclusão dos torcedores de menor poder econômico e a inclusão dos de maior poder aquisitivo. Ou seja, critérios econômicos tornam-se o principal critério de torcedores – quem pode ou não pagar por ingressos mais caros que novos modelos de gestão demandam –, uma vez que aos gestores mais importa a ida daqueles consumirão no interior do estádio.

Embora essa nova modernização dos estádios faça parte de uma fase inédita na história do futebol no Brasil, podemos afirmar que a elitização desta modalidade esportiva esteve repleta de tensões ao longo da sua apropriação pelas camadas populares. Pinto dos Santos (2009) chama a atenção para o fato de que o futebol fez parte de um movimento modernizador pelo qual o Brasil passou no início do século XX. A Nova República trouxe valores simbólicos que faziam alusão ao ser moderno. Praticar futebol simbolizava o ideário daquele contexto. Neste sentido, questionamentos como quem deveria praticá-lo e como conter o avanço dos populares diante da aproximação do futebol faziam parte da ordem do dia. Em um processo eivado de tensões, o futebol deixava de ser uma prática da e para a elite, à medida que se popularizava. Este processo estava eivado de tensões.

O autor apresenta e analisa fragmentos de jornais daquele início de século destacando que se desejava que o futebol fosse ocupado por senhores e senhoras de boa posição social. Por oposição, acrescentava a fixação dos personagens que ocupariam o lado indesejável do panorama esportivo, isto é, “os indivíduos de baixa condição social, sem instrução e educação” (Pinto dos SANTOS, 2009, p. 190).

Sem querer estabelecer uma relação direta entre condição social e civilidade podemos observar que estas tensões, guardadas as diferenças de cada momento histórico, se reproduzem em alguma medida nos dias atuais, uma vez que a modernização dos estádios trouxe consigo a elevação dos preços dos ingressos e dos produtos comercializados no seu interior. Tratar o torcedor como cliente acaba por forjar o tipo ideal de torcedor moderno: aquele que compra o espetáculo futebolístico, o conforto, a comodidade, a infraestrutura e a segurança, isto é, os produtos comercializados neste novo cenário. Como indicado nas intensões do poder público,

○ torcedor passará a ser visto como cliente. Ele tem que querer ir, querer voltar e tem que contar para os amigos que gostou do local e do evento. Por isso, tudo no Mineirão é pensado para que o torcedor-cliente se torne uma família-cliente. O sucesso do negócio passa também pela fidelização do público (MINAS GERAIS, 2012).

Apesar da promessa do bom tratamento ao consumidor, adentrando ao estádio, naquele primeiro jogo, muitos torcedores tiveram suas expectativas frustradas em relação ao que acompanharam nas propagandas e divulgação para o que estavam experimentando ali. O que encontraram foi um Mineirão ainda em reforma, pois visivelmente não houve tempo hábil para pequenos acabamentos e a sua limpeza completa. Muita areia espalhada, resíduos em pó, entulhos, como pedaços de madeira, tijolos e pedras (que poderiam ser utilizados como “armas” em uma possível confusão) estavam visíveis.

Além das cadeiras numeradas no estádio, uma das exigências da FIFA para a Copa é que os ingressos indiquem a qual cadeira eles são correspondentes. Sendo assim, um dos principais esforços dos gestores de arenas que receberão os jogos do evento é em relação a estimular os torcedores a sentarem nos lugares indicados nos ingressos. Quanto a essa questão, ao serem perguntados se, antes da reforma, costumavam sentar no lugar determinado no ingresso, 91% dos participantes disseram que não, 5% que sim e 4% não sabia opinar. Em contrapartida, nesse jogo, 69% afirmaram estarem sentados no lugar determinado pelo ingresso; 29% não estavam sentados no lugar marcado e 2% não sabiam opinar. E, do total de participantes, 71% não escolheu o seu assento.

Percebe-se que, pelo menos no primeiro jogo, mudanças no comportamento do torcedor no que diz respeito ao assento numerado. Desde a promulgação do EDT, os ingressos vinham com o registro de número de assento, entretanto tal cumprimento não era cobrado e muitos torcedores desconheciam essa determinação. Entretanto, o choque de gestão advindo com o “Novo Mineirão”, fez com que os torcedores sentassem em seus lugares, através de um número grande de pessoas responsáveis por orientá-los, bem como avisos no telão do estádio com

os dizeres “Torcedor, o Mineirão possui assentos numerados, não leve cartão vermelho, sente no lugar marcado”¹⁰.

Viu-se muitos torcedores com dificuldades para achar os lugares indicados no ingresso e se localizar na nova setorização do estádio. A circulação nas arquibancadas foi dificultada pelo pouco espaço entre as cadeiras. As principais reclamações iniciais eram sobre a venda de ingressos duplicados, procura dos lugares indicados no ingresso e falta de água¹¹. Os orientadores que circulavam por todo o estádio, em inúmeras situações pareciam desorientados, pois não sabiam informar as questões levantadas pelos torcedores. Apesar da presença de rampas de acesso para cadeirantes e chãos sinalizados para cegos, não havia lugar específico para essas pessoas, tentando os orientadores improvisar a acomodação.

Os torcedores, ao serem questionados se pretendiam sentar no lugar determinado no ingresso nas vezes que fossem ao Mineirão, 51% afirmaram que sim; 22% que não e 27% sim, desde que pudessem escolher o lugar do assento.

De acordo com Milton Santos (1996, p.48), “é o lugar que atribui às técnicas o princípio de realidade histórica, relativizando o seu uso, integrando-as num conjunto de vida, retirando-as de sua abstração empírica e lhes atribuindo efetividade histórica”. Sem isso, seriam apenas objetos. Dessa forma, o lugar afeta a manifestação do torcer, a forma como as pessoas assistem e se relacionam com o espetáculo, uma vez que passam a possuir um significado para as pessoas que dele usufruem.

Ao serem questionados sobre o cumprimento da determinação de sentar no lugar marcado, a opinião dos participantes ficou dividida, pois 36% disseram que isso seria cumprido e 36% afirmaram que não. Do restante, 24% disseram que às vezes as pessoas cumpririam e 2% não responderam.

Em relação ao cumprimento de novas determinações como essa, se na fala há uma articulação com o discurso hegemônico, na manifestação do torcer, essa articulação se mostrou frágil. O estádio, com aparência de europeu¹², recebeu um público de 52980 torcedores que, durante a atmosfera da partida, não apresentou o comportamento desejado pelos gestores e parte dos torcedores. Em ambas as

10. Registro do caderno de campo.

11. Registro de caderno de campo.

12. O Mineirão mudou! Inúmeras cadeiras brancas foram colocadas nas arquibancadas; o alambrado foi substituído por placas de vidro temperado; retiraram a geral; diminuíram o fosso; colocaram pequenas escadinhas entre o gramado e a arquibancada; fizeram camarotes; retiraram os túneis (agora é entrada única para as duas equipes e a arbitragem); retiraram as divisórias das arquibancadas e fizeram a setorização por cores; aumentaram a cobertura do teto, só deixando aberto o espaço do campo; aumentaram a quantidade de câmeras de segurança; diminuíram o tamanho do campo (110x75 para 105x68) – o grande diferencial do Mineirão, a sua distinção frente a outros estádios, não mais existe. O jogo técnico dando lugar ao jogo corrido. O mesmo ocorreu com o Maracanã (Caderno de campo, 03/02/13).

torcidas, observamos que a maioria das pessoas assistiu ao jogo em pé, cantando e gritando para incentivar o seu time e sobrepujar o outro. No campo simbólico, a rivalidade existente entre Atlético e Cruzeiro veio à tona, como se a reforma do estádio não tivesse ocorrido. Velhos hábitos dentro de uma nova roupagem. E, aparentemente, não houve estranhamento e nem intervenção dos orientadores e agentes de segurança.

À partir das observações, verificamos que apesar da mudança na setorização do estádio e das torcidas organizadas não estarem utilizando suas bandeiras e faixas convencionais para a identificação, ocuparam os mesmos lugares de costume, mostrando o quanto o lugar está permeado de sentidos para aqueles que o ocupam e continuam sendo referência de orientação no espaço, ainda que este tenha sido reorganizado.

Com a falta de barreiras fixas, muitos torcedores não respeitaram a setorização do estádio, migrando-se dos setores mais baratos para os mais caros. Assim, as cadeiras inferiores e as superiores centrais foram apossadas por pessoas vindas de outros setores, causando indignação aos que pagaram pelo ingresso mais caro. Estes, tentando exercer seu direito e exigindo que a segurança privada controlasse a circulação e a permanência dos intrusos, sem êxito.

Enfim, embora haja uma apreciação e encantamento com o novo Mineirão, percebe-se que há uma desconfiança do torcedor mineiro em relação às “novas regras do jogo”, pois há dúvidas se o novo *ethos* se constituirá. Embora definam o ser humano como “moldável”, acreditam que romper com hábitos arraigados é muito difícil, uma vez que passado e presente se tencionam e se complementam, principalmente no que tange o torcedor que vem acompanhado a transformação do Mineirão, que, na busca pelos símbolos que lhe faz sentido se relaciona com o novo.

Perceptions and Manifestations of the Football Fans from Minas Gerais at the "New Mineirão Stadium"

ABSTRACT: In February 3rd. 2013, the Mineirão stadium was inaugurated with Cruzeiro and Atlético football match, which also included an overall change in the way of considering the football in the state of Minas Gerais. This paper aim to analyze the perceptions and manifestations of the football fans from Minas Gerais during that game, considering changes made in the stadium. To achieve this objective, 55 questionnaires had been applied and participant observations had been done. It was recognized that plenty of the interviewed fans agreed with the remodeling work and it was thought satisfactory. Some of them still have doubts if the new ethos will be accepted, because they believe breaking up with ingrained habits is hard to do, although they think human beings can be molded according to situations. This could be seen in the manifestations of the fans during the game, where, in relation to cheer, antique practices were maintained.

KEY WORDS: Leisure; Football; Stadium; Mineirão.

Percepciones y manifestaciones del aficionado mineiro sobre el "nuevo Mineirão"

RESUMEN: El 3 de febrero del 2013, el partido entre Cruzeiro y Atlético ha marcado la reapertura del Mineirão y una nueva forma de se pensar el fútbol mineiro. Así, este artículo tiene como objetivo analizar las percepciones y manifestaciones del aficionado mineiro en el partido de reinauguración, ante los cambios que han ocurrido en el estadio. Para esto, se han aplicado 55 cuestionarios y se hizo observación participante. Se ha percibido que muchos encuestados concordaron con la reforma y la consideraron buena. Algunos tienen dudas por si se va a constituir el nuevo ethos pues, aunque creen que el ser humano es moldeable, creen que romper con hábitos arraigados es demasiado difícil. Se lo pudo ver en las manifestaciones durante el partido, donde, con respecto a lo torcer, antiguas prácticas han sido mantenidas.

PALABRAS CLAVE: Ocio; fútbol; estadio, hinchas, Mineirão.

REFERÊNCIAS

BELL, D. *O advento da sociedade pós-industrial: uma tentativa de previsão social*. São Paulo: Cultrix, 1973.

BRASIL. *Lei 10.671*. Estatuto de Defesa do Torcedor. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.671.htm>. Acesso em: 15 ago. 2007

_____. *Lei 12.299*. Dispõe sobre medidas de prevenção e repressão aos fenômenos de violência por ocasião de competições esportivas; altera a Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003; e dá outras providências. 2010. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12299.htm>. Acesso em: 01/03/2013

CAMPOS, P. A. F. et al. As determinações do Estatuto de Defesa do Torcedor sobre a questão da violência: a segurança do torcedor de futebol na apreciação do espetáculo futebolístico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v.30, n. 1, p.9-24, set. 2008.

CURI, M. et al. Observatório do Torcedor: o Estatuto. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v.30, n. 1, p.25-40, set. 2008.

CURI, M. *Espaços da emoção: Arquitetura futebolística, torcida e segurança pública*. 2012. 317f.. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

DAMO, A. S. Bons para torcer, bons para se pensar: os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.11-48, 1998.

_____. A magia da seleção. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v.28, n. 1, p.73-90, set. 2006.

_____. O direito, o desejo e o dever – a trama que trouxe a Copa ao Brasil. In.: *Movimento*. Porto Alegre, v. 18, n. 02, p. 41-81, abr/jun de 2012.

DAÓLIO, J. A violência no futebol brasileiro. In: _____. *Cultura, educação física e futebol*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p.111-8.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1992.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FIFA. *Estádios de futebol: recomendações e requisitos técnicos*. 5ed. 2011. Disponível em <http://pt.fifa.com/mm/document/tournament/competition/01/37/1776/p_sb2010_stadiumbook_ganz.pdf>. Acesso em jul. 2012.

HELAL, R. Futebol, Comunicação e Nação: a trajetória do campo acadêmico. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v.8, p.11-37, 2011.

MAGNANI, J. G. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade: textos de antropologia urbana*. 3.ed. São Paulo: HUCITEC, 2003.

MASCARENHAS, G. Globalização e espetáculo: o Brasil dos megaeventos esportivos. In: MELO, Victor A.; DEL PRIORE, Mary (orgs.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Unesp, 2009, p.505-33.

MINAS GERAIS. *Novo Mineirão*. s.d. Disponível em < <http://www.copa.mg.gov.br/novomineirao/>>. Acesso em jun de 2012.

MINAS GERAIS; BELO HORIZONTE. *Planejamento Estratégico Integrado: Projeto Copa 2014 – Governo de Minas Gerais e Prefeitura de Belo Horizonte*. s.d. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/54704547/Planejamento-Estrategico-Integrado-Projeto-Copa-2014-MG>>. Acesso em jul. de 2012.

PIMENTA, C. A. M. *Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação*. Taubaté: Vogal, 1997.

RIGO, L. C. et al. Estatuto de Defesa do Torcedor: um diálogo com o futebol pelotense. *Movimento*, Porto Alegre, v.12, n.2, p.223-39, mai./ago. 2006.

SANTOS, M. *A totalidade do diabo: como as formas geográficas difundem o capital e mudam estruturas sociais*. São Paulo: Contexto, Hucitec, 1977.

_____. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, R. P. Tensões na consolidação do futebol nacional. In: MELO, Victor A.; DEL PRIORE, Mary (orgs.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Unesp, 2009, p.179-212.

SILVA, E. J. F.; COSTA, L. Modernização (elitização) dos estádios de futebol. In: *Anais... Coletânea do XIII Seminário O Lazer em Debate*, Belo Horizonte, 2012. p. 371-6.

Recebido em: 7 abr. 2013
Aprovado em: 7 ago. 2013